

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E  
CULTURA

DANIEL ZUCOLO GUTERRES

**A clínica psicanalítica diante da aceleração  
social do tempo**

Porto Alegre, RS  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E  
CULTURA

DANIEL ZUCOLO GUTERRES

## **A clínica psicanalítica diante da aceleração social do tempo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Linha de Pesquisa: Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler

Porto Alegre, RS  
2021

DANIEL ZUCOLO GUTERRES

A clínica psicanalítica diante da aceleração social  
do tempo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins (UFC)

---

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros (UFRGS)

---

Dr. Luciano Assis Mattuella (APPOA)

---

\_\_\_\_\_ Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler (UFRGS) - Orientador

*Estávamos subindo e descendo uma pequena trilha no jardim da casa. Freud acariciou ternamente um arbusto que florescia.*

*- Estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois que estiver morto.*

*- Então o senhor é, afinal, um profundo pessimista?*

*- Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague a minha fruição das coisas simples da vida.*

Trecho da entrevista com Freud, realizada por George Sylvester Viereck  
em 1926.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador Carlos Henrique Kessler, que nesses estranhos tempos pandêmicos me incentivou a desafiar meus próprios argumentos, soube escutar a particularidade do meu tempo e me atentou para a importância do tema do reconhecimento.

Aos membros da banca examinadora pelas contribuições e: a Karla Patrícia Holanda Martins, pelo encontro feliz de uma referência psicanalítica no tema pesquisado; ao Roberto Henrique Amorim de Medeiros pela proposta de seminário de escrita quando a pandemia nos paralisava; ao Luciano Mattuella pelas aulas, indicações de leitura que atravessaram esse trabalho e pelo seu livro.

À Liliane Fröemming pelas aulas, indicações de leitura e pela participação na banca de qualificação.

Ao Amadeu de Oliveira Weinmann por sustentar a permanência da sensibilidade frente à pandemia.

Ao José Damico pela parceria, pelo exemplo de professor e pela aula que transformou minha formação.

Aos colegas da Comissão de Ações Afirmativas: Eliane, Giovana, Karine, Fernando, Ana Luiza, Bryan, Thaís e Letícia. Pela parceria e implicação neste espaço fundamental do meu percurso no mestrado.

Aos amigos de Representação Discente: Ismael Salaberry, Giovana Netto e Luciane David.

Aos colegas do grupo de pesquisa: Mateus, Rodrigo, Liana, Fernando, Thomaz, Lúcia, Fernanda, Daniel, Mariana e Karine.

Aos colegas da 5ª turma pelos momentos ricos. Embora a pandemia tenha atravessado nossa experiência de mestrado, que os laços persistam.

Aos colegas que trabalharam pela criação de um movimento coletivo pela psicanálise em Santa Maria. Em especial ao amigo Guilherme Lacerda e Luís Henrique Pereira, que desde o começo persistiram comigo no reconhecimento da importância desta proposta.

Aos familiares de Porto Alegre: Flávio, Gladis, Fábio, Alexandre e Tatiana que nunca medem esforços para me receber e sempre o fazem tão bem.

Aos amigos Vítor, Karoline e Tomaz que também me acolheram no período em que as aulas eram presenciais. E que na distância inseriram ludicidade nos dias de isolamento.

Ao Edson de Sousa, pela escuta e pelo suporte.

À Natália, minha esposa, minha amiga e colega. Pelo carinho, pelo amor, pela força, pela inspiração e pela ética.

Aos meus pais Clóvis e Rosana pelo exemplo de dedicação à função de professor universitário. Pelo exemplo de uma vida dedicada à educação. Pelo suporte e por ter crescido em uma casa repleta de livros ao meu alcance.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## RESUMO

GUTERRES, D. Z. (2021). *A Clínica Psicanalítica diante da Aceleração Social do Tempo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Esta dissertação de mestrado busca apontar a relevância da aceleração social do tempo para a psicanálise. Através de formulações da teoria freudiana e lacaniana acerca do tempo, tensionamos um diálogo com a teoria da aceleração do sociólogo alemão Hartmut Rosa, que problematiza as transformações nas estruturas temporais no campo da cultura. Na proposta de apurar possíveis impactos da aceleração para o psiquismo, buscamos analisar suas interseções com formas de sofrimento contemporâneos, com a psicopatologia e com a clínica. Para tanto, se utiliza do fato clínico como ferramenta metodológica uma vez que permite à psicanálise, através da sua teoria e da sua prática, a observação do fenômeno em análise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Aceleração Social; Temporalidade, Fato Clínico

## ABSTRACT

GUTERRES, D. Z. (2021). *The Psychoanalytic Clinic in the Face of the Social Acceleration of Time*. Master's Dissertation, Graduate Program in Psychoanalysis: Clinic and Culture, Institute of Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

This master's thesis seeks to point out the relevance of the social acceleration of time for psychoanalysis. Through formulations of Freudian and Lacanian theory about time, we intend to establish a dialogue with the acceleration theory of the German sociologist Hartmut Rosa, who problematizes the transformations in temporal structures in the field of culture. In the proposal of investigating possible impacts of acceleration on the psychism, we seek to analyze its intersections with contemporary forms of suffering, with psychopathology, and with clinical practice. To this end, it uses the clinical fact as a methodological tool since it allows psychoanalysis, through its theory and practice, to observe the phenomenon under analysis.

**Keywords:** Psychoanalysis; Social Acceleration; Temporality; Clinical Fact

## Sumário

<b>1. Apresentação</b> .....	9
<b>2. Introdução</b> .....	10
<b>3. Instante de ver</b> .....	12
3.1 Uma advertência inicial e um posicionamento.....	12
3.2 Da questão acerca da dita atemporalidade do inconsciente.....	14
3.3 Transitoriedade.....	17
3.4. Um sujeito temporalizado.....	19
3.5 O Tempo Lógico: um problema de reconhecimento?.....	21
<b>4. Tempo para compreender</b> .....	26
4.1 A Aceleração Social.....	26
4.2 Progresso: aceleração, modernização, capitalismo e assujeitamento.....	31
4.3 Aceleração e Psicopatologia.....	37
<b>5. Momento de concluir</b> .....	43
5.1 O Fato Clínico como método de pesquisa psicanalítica acerca da aceleração social.....	43
5.2 O Material Clínico.....	44
5.3 A aceleração apontada no material clínico.....	49
5.4 Análise do material clínico.....	51
<b>6. Considerações Finais</b> .....	58
<b>Referências</b> .....	61

## **Apresentação**

No Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura, este trabalho de dissertação se situa na Linha de Pesquisa 1: Psicanálise, teoria e dispositivos clínicos e é vinculado ao Projeto de Pesquisa “A Pesquisa Clínica em Transferência”, do Grupo de Pesquisa A Pesquisa Clínica na Universidade, sob coordenação do orientador deste trabalho, Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler.

O projeto A Pesquisa Clínica em Transferência situa cinco eixos de trabalho: 1. Delimitações metodológicas: fundamentos da pesquisa em psicanálise; 2. Estudos dos textos fundadores; 3. Enlaces entre Psicanálise e a Cultura; 4. O Trabalho Clínico, em especial na Clínica da UFRGS; e 5. A supervisão psicanalítica e a clínica na universidade. Consideramos que esse trabalho, mediante sua proposta, aborda elementos dos quatro primeiros itens do projeto.

## **Introdução**

Este trabalho de dissertação busca destacar a relevância da noção de aceleração social do tempo para a psicanálise. Com base em formulações freudianas e lacanianas acerca da temática do tempo, pretendemos compreender possíveis impactos psíquicos causados pela aceleração.

Nesse sentido, destacamos que alterações nas experiências temporais provocadas pela cultura têm sido relacionadas como causa de adoecimento psíquico desde o final século XIX, no campo da psicopatologia. Na contemporaneidade, seguem sendo observadas como atravessamentos das formas de mal-estar.

Em diálogo com a teoria da aceleração social do tempo, desenvolvida pelo sociólogo alemão Hartmut Rosa, buscamos investigar de que modo as transformações temporais da cultura atual incidem sobre o sujeito da psicanálise e como podem estar ligadas às formas contemporâneas de adoecimento psíquico. Do mesmo modo, compreender seus impactos no tempo lógico laciano.

Partimos da observação inicial de que a teoria da aceleração social do tempo propõe analisar as transformações nas estruturas temporais da sociedade, ao passo que reconhece a necessidade de considerar um olhar sobre a atualidade da cultura capitalista. Considerando especialmente o modelo neoliberal, reconhecemos que o capitalismo sofisticou suas formas de assujeitamento dos indivíduos. Nesse sentido, precisamos atentar que as prescrições neoliberais das formas de existir gestam o tempo conforme seus propósitos de objetivação, produtividade e resultados. Tal forma de gerenciamento temporal não corresponde à temporalidade psíquica, uma vez que esta deriva da experiência singular de constituição do sujeito. Certamente isso não seria sem consequências também para o tempo lógico, uma vez que este caracteriza por uma outra temporalidade que não as prescritas na cultura contemporânea.

Diante desse contexto, discorreremos sobre como os processos de modernização que se instalam no cotidiano podem ocasionar a compressão da experiência temporal, impactando assim nos processos da vida psíquica.

Dito isso, compreendemos que cabe à psicanálise interrogar sobre os desafios impostos pela aceleração social do tempo à clínica: quais são eles? Como se manifestam? Por que o fenômeno da aceleração social interessa ao psicanalista? Nossas considerações sobre tais questionamentos encontram amparo na noção de Fato Clínico, ferramenta metodológica que nos auxilia a reconhecer os impactos da aceleração social nas formas de subjetivação e, portanto, na clínica.

Desse modo, este trabalho está dividido em três grandes eixos inspirados nos três momentos do tempo lógico:

Em instante de ver, situaremos uma advertência sobre a problemática de falar sobre o tempo e a condição estrangeira do tema da aceleração social para a psicanálise. Também abordamos pontos fundamentais das construções freudianas acerca do tema do tempo, como a questão do inconsciente atemporal e a transitoriedade. Ainda discorreremos sobre a relevância do fator tempo na constituição psíquica e a formulação lacaniana do tempo lógico, ao nosso ver tensionada como um problema de reconhecimento.

Em tempo de compreender, abordamos a complexidade da aceleração social, para posteriormente problematizar sua relação com o capitalismo contemporâneo, especialmente no modelo neoliberal. E ainda seus impactos no psiquismo e sua relação com a psicopatologia.

Por fim, no momento de concluir, com o método do fato clínico, buscamos apontar a aceleração e analisar seus impactos e atravessamentos no material clínico apresentado.

## 5.1 O Fato Clínico como método de pesquisa psicanalítica acerca da aceleração social

Na intenção de destacar a relevância da aceleração social para a clínica psicanalítica, sustentamos que a noção de fato clínico como ferramenta metodológica nos parece pertinente para nosso propósito, pois permite à psicanálise, através da sua teoria e da sua prática, a observação de um fenômeno comum, mas que foi problematizado teoricamente através de outro campo de conhecimento.

Conforme Kessler (2009, p.72), “o fato precede sua própria significação”, de tal forma que o que lhe determina não é seu entendimento, mas antes a sua formulação. Dessa forma o fato se configura após sua enunciação, o que altera, “constitui e institui a realidade” (ibid). Nesse sentido a aposta metodológica no fato clínico para a especificidade desta pesquisa, condiz não só com a intenção de recorte de nossa temática, mas com sua característica temporal *a posteriori* para a formulação, ao passo de podermos considerar o tempo lógico no trabalho do pesquisador em relação a própria pesquisa.

Ainda com Lo Bianco (2003), o autor nos explica que a pesquisa psicanalítica vai ter na clínica sua principal ancoragem. Nesse sentido, o analista está envolvido enquanto objeto e implicado no material de sua análise tanto quanto o analisante. Assim, é o caráter singular desta produção clínica em transferência constituirá o material que será analisado. Com isso, o trabalho de pesquisa em psicanálise implicará a transferência, interditando uma hipótese conceitual prévia ao andamento do trabalho; o saber de que se trata se estabelece *a posteriori*.

Dessa forma, a pesquisa em psicanálise, por considerar o inconsciente, se diferencia e subverte a ideia de um pesquisador asséptico, sem sujeito, uma vez que isso contraria o próprio conceito de transferência. Tão pouco seria possível uma pesquisa em psicanálise que renuncia aos seus fundamentos para adequar-se as normativas vigentes de pesquisa considerada científica. Assim, o pesquisador enquanto sujeito está implicado durante todo o processo.

Trabalhar com a metodologia do fato clínico possibilita o exame detido ao ponto pertinente para a pesquisa, sem a obrigatoriedade de um relato completo de um percurso analítico, mas priorizando os componentes que formulam o fato propriamente.

“O (f)ato clínico privilegia isolar e apresentar elementos que dizem mais respeito à estrutura que a identidade. Está em causa o que é possível extrair da repetição do sintoma, da identificação do paciente, enfim, de sua estrutura clínica, pondo esses elementos à prova das referências conceituais da psicanálise. Além disso, convoca a encontrar as ferramentas teóricas que possam dar conta de uma leitura dos atos na condução da análise, de tal forma que, em um momento posterior, possam realizar a leitura dos atos ocorridos. O (f)ato clínico convoca o psicanalista a apostar e responsabilizar-se por um ato teórico que o ateste” (WIECZOREK; KESSLER; DUNKER, 2020, p. 205).

Para a apresentação do material clínico é preciso considerar “a dimensão fundamental da ficção na escrita para dar conta do real da clínica, pois é a partir da estrutura de ficção que podemos fazer contorno no real, operar com hipóteses metapsicológicas e extrair algo relativo a uma verdade do caso” (WIECZOREK; KESSLER; DUNKER, 2020, p.206).

Desse modo, para contemplar a particularidade estrangeira à psicanálise do tema da pesquisa, nos propomos a ordenar a narrativa a apresentação da seguinte maneira: primeiramente a apresentação de fragmentos que consideramos pertinentes para a formulação do fato clínico; depois a pontuação da aceleração social em tais fragmentos, e, finalmente, a extração de consequências psíquicas da aceleração, através do aporte psicanalítico, para destacar a pertinência do diálogo entre as teorias e da materialidade clínica.

## Considerações Finais

Neste trabalho buscamos justificar a pertinência de que a psicanálise se ocupe do tema da aceleração social, observando a permeabilidade desta na vida psíquica e procurando captar seus impactos. Através das formulações da teoria psicanalítica acerca da temporalidade, dialogamos com a teoria de Hartmut Rosa para melhor compreender a complexidade das transformações nas estruturas temporais da sociedade contemporânea.

Esta interlocução entre a psicanálise e a teoria da aceleração social, nos atentou para a necessidade de maior rigor conceitual acerca do tema do tempo. Vimos como o emprego de termos temporais pode facilmente deslizar para a imprecisão e comprometer a apreensão do que está em jogo quando tratamos de temporalidade. Conseqüentemente, tal vacilo prejudica a compreensão da complexidade do tema da aceleração pelo viés psicanalítico.

Vimos que em interseção com o neoliberalismo, a aceleração social é capaz de minerar a temporalidade psíquica, assujeitando-a a seus propósitos e configurando o tempo do sujeito à codificação de uma temporalidade própria da lógica de consumo. Codificações que não só apontam o sujeito para os objetivos neoliberais de consumo, mas como também para se tornar consumível. Os condicionamentos temporais, próprios do círculo aceleratório, atestam a dinâmica de normatização do tempo social, que expropria do sujeito a temporalidade própria, uma vez que esta não é reconhecida dentro do contexto neoliberal acelerado.

Os impactos da aceleração sobre o tempo lógico suprimem o *tempo para compreender*, condição necessária para a emancipação de condições alienantes. Conservam o sujeito na *mesmidade*, no lugar de uma unidade individual, embora não singular. Atestando que na aceleração social está em jogo o desconhecimento do tempo qualitativo, produzindo assim uma das formas de violência subjetiva própria do neoliberalismo. Violência que causa a supressão do tempo necessário à constituição do sujeito desejante e a normatização da economia libidinal, apontando para a relação da aceleração com a psicopatologia. Dessa forma, constatamos que atual contexto neoliberal interseccionado com a aceleração social, não somente trabalha para suprimir o tempo singular do sujeito, mas o viola sistematicamente.

Que em nome do progresso o sujeito seja destinado a ter seu lugar comprimido, apagado, não reconhecido ou, simplesmente, consonante com as prescrições contemporâneas de existir, é papel da psicanálise fazer furos nesse discurso e sustentar uma outra temporalidade que não a da aceleração social.

A clínica psicanalítica ao não compactuar com as normatizações neoliberais, se distingue de terapias que se isentam de uma interrogação crítica acerca da cultura. Como observado no material clínico exposto neste trabalho, a complexidade como os processos psíquicos podem estar assujeitados aos processos culturais, não poderia ser reconhecida se a psicanálise se preocupasse em produzir adaptações do sujeito as prescrições sociais da contemporaneidade. Dessa forma, a própria ética psicanalítica justifica a importância de a própria psicanálise atentar ao tema da aceleração.

Nesse sentido, a escolha do método do fato clínico contemplou de maneira bastante apropriada os objetivos da pesquisa, uma vez que permitiu apontar a aceleração social no material clínico, bem como seus impactos psíquicos. Trabalhar com esta metodologia possibilitou o exame detido do ponto pertinente para a pesquisa, sem o compromisso de um relato completo de um percurso analítico, que dispersaria o foco da pesquisa. Mas priorizando os componentes que formulam o fato propriamente e enfatizando os impactos da aceleração social no contexto clínico. O que nos permite concluir a necessidade de a psicanálise estar advertida e atenta a permeabilidade e as incidências da aceleração social e se ocupar das transformações no mal-estar contemporâneo, tensionando suas formulações teóricas acerca da temporalidade psíquica.

Reconhecemos que há mais a ser observado, visto que é próprio da dinamização da aceleração social, transformar as estruturas temporais. Quer dizer que o psicanalista, testemunhará este processo, seja no trabalho clínico, no papel de pesquisador ou na própria vida. Nossa contribuição vem na direção de adverti-lo da complexificação das relações contemporâneas com o tempo e as consequências disso. O psicanalista não estará isento da normatividade que aceleração impõe, experimentando a própria temporalidade ser assediada por tais processos.

Por fim, expusemos aqui o quanto o tema da aceleração social solicita a atenção da psicanálise, especialmente por causa do seu compromisso ético com

o sujeito e pela sua proposta clínica. Ao passo que nos obriga reconhecer não somente a necessidade de que não só o psicanalista esteja à altura de sua época, mas de que a própria psicanálise se disponha as transformações necessárias para enfrentar os desafios que a contemporaneidade impõe.

## Referências

- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEARD, George. A nervosidade Americana. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, ano 5, v. 1, p. 176-185, 2002.
- BIRMAN, Joel. Subjetividade, tempo e psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, ano 3, v.4, p.11-30, 2000.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2005.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CHEMAMA, Roland. GOZO. In: CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CORÁ, Élsio; NASCIMENTO, Cláudio. Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v.45, nº 2, p. 407-423, 2011.
- DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOUMIT, É. Lógica. In: KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- DUNKER, Christian. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DUNKER, Christian. **A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito**. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós verdade. In: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão.; FUKS, Julián.; TIBURI, Marcia.; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- DUNKER, Christian. Intoxicação digital infantil. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017b.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FINGERMAN, Dominique. O tempo na experiência da psicanálise. **Revista USP**, n.81, p.58-71, 2009.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 4, A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: **Obras completas, volume 12, Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. A Transitoriedade. In: **Obras completas, volume 12, Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O Início do Tratamento. In: **Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Obras completas, volume 14, História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. In: **Obras completas, volume 18, Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Análise finita e a infinita. In: **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. O aparelho psíquico e o mundo exterior. In: **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: **Obras completas, volume 09, O delírio e os sonhos da Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 3)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRÖEMMING, Liliane. O presente e a presença do mal-estar. **Correio da APPOA**: A atualidade do mal-estar: releituras. Outubro 2016.

GONDAR, Jô. **Os Tempos de Freud**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

HELSINGER, Luís Alberto. **O tempo do gozo e a gozação**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

HOFFMAN, Christian; COSTA, Rosana. Alguns casos, nem neuróticos, nem abertamente psicóticos. **Ágora**, v.17, n.2, 2014.

JERUSALINKSY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web? O sujeito na era das relações virtuais. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

KESSLER, Carlos Henrique. **A supervisão na clínica-escola: o ato no limite do discurso**. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.140, 2009.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN. J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN. J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. **O Seminário: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Os quatro fundamentos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEPOULICHET, Sylvie. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LOBIANCO, Ana Carolina. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. In: **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 8 (2), p. 115-123, 2003.

MALCHER, Fábio; FREIRE, Ana Beatriz. Laço social, temporalidade e discurso: do totem e tabu ao discurso do capitalista. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.69-84, 2016.

MARTINS, Karla Patrícia.; MARTINS, Osvaldo; CAPOTE, Natercio. Neurose obsessiva e tempo: incidências da aceleração social? In: **Cadernos de Psicanálise** Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 51-66, jul./dez. 2018.

MARTINS, Osvaldo. **Tempo e aceleração social na perspectiva da teoria e da clínica psicanalíticas**. 2019, 183 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MATTUELLA, Luciano. **Os Futuros do Passado**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

MEDEIROS, Roberto Henrique; MANO, Gustavo; WEINMANN, Amadeu. A Paixão pelo autômato: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25 [1], p. 251-263, 2015.

PEREIRA, Mario Eduardo. George Beard: neurastenia, nervosidade e cultura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, ano 5, v. 1, p. 170-175, 2002.

PORGE, Erik. **Psicanálise e tempo: O tempo lógico de Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

PUENTE, Fernando. **Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga**. São Paulo: Annablume, 2010.

RICCI, Giancarlo. **As cidades de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROSA, Miriam, Debieux. **A clínica psicanalítica em face à dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2019.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos afetos: Corpos políticos e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Patologias do Social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VILTARD, M. Gozo. In: KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VIRÍLIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

WIECZOREK, R.; KESSLER, C.H.; DUNKER, C. O (f)ato clínico como ferramenta metodológica para pesquisa em psicanálise. In: **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v.52.2, p.185-213, 2020.

WILLIGES, F.; SOUSA, E. A cultura do déficit de atenção. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.